



# Combatente

## Ontario



Primeira Edição • Ano 2013







Em meu nome,  
**Maria Antónia Manguito,**  
*pre-planning Director do Cemitério*  
*Glen Oaks Memorial Gardens,*  
**convido todas as Famílias**  
**Portuguesas para reservar**  
**os seus lotes enquanto ainda**  
**esta disponível a melhor escolha.**  
**Chame hoje mesmo**  
**para mais informações.**

Office (905) 257-1100  
 Mobile (905) 483-3774  
 E-mail [m-manguito@hotmail.com](mailto:m-manguito@hotmail.com)



**Chuck Duchesnay, Manager**  
**GLEN OAKS FUNERAL HOME & Cemetery**  
 Por Arbor Memorial  
 3164 Ninth Line (Hwy 403 & Dundas St.)  
 Oakville (905) 257-1100 office  
**[www.glenoaks.ca](http://www.glenoaks.ca)**  
 A division of Arbor Memorial Inc.

*Celebrando o 1º Aniversário do Jardim Português da Nossa Senhora de Fátima, no dia 13 de Outubro, 2013, do Monumento aos Veteranos Portugueses. O jardim Português Nossa Senhora de Fátima, no Cemitério Glen Oaks está aberto para servir as famílias como a sua, que dão importância à história e à herança cultural.*

*Apresentando um Monumento Novo, em granito, doado pela Associação Portuguesa dos Veteranos de Guerra do Ontário.*

*Este pacífico local de descanso eterno foi atentamente concebido para providenciar o local ideal para honrar e celebrar a sua Fé e a sua família, para sempre.*

*Neste mesmo jardim vai ser instalado muito em breve uma linda Estátua de Nossa Senhora de Fátima. Apresentando também um lindo Mausoleum LAST SUPPER com cripta ou nicho. Numa altura de necessidade, ou quando estiver a planear, lembre-se de GLEN OAKS MEMORIAL GARDENS.*

**Maria Manguito**  
 Pre-Planning Director  
 Glen Oaks Funeral Home and Cemetery  
 3164 Ninth Line, Oakville Ontario L6H 7A8  
 905-257-1100 office  
 905-483-3774 mobile



## MENSAGEM DO PRESIDENTE DA LIGA DOS COMBATENTES



Aos Combatentes por Portugal e suas famílias que no Canadá, e em especial em Toronto, continuam suas vidas de portugueses de alma e coração e que jamais esquecem os sacrifícios passados na juventude em defesa da sua Pátria, transmito, como Presidente da Liga dos Combatentes, em meu nome pessoal e de todos os combatentes membros da nossa Instituição, os votos dos maiores sucessos para a vossa Revista, no cumprimento da nobre missão de informar, unir e servir os combatentes e famílias residentes em Toronto.

As iniciativas do Núcleo de Toronto já realizadas de que destaco a inauguração do significativo Monumento aos Combatentes, verdadeiro padrão de homenagem à sua memória, a actividade social desenvolvida e agora o lançamento da vossa Revista são testemunho da vossa organização e a garantia de que no Canadá, o Núcleo de Toronto, irmanado com os Núcleos de Winnipeg e Monte Real são um elo bem forte na presença portuguesa neste país amigo, capaz de fortalecer os laços de amizade Portugal-Canadá e defender e apoiar todos os seus membros associados.

Também em Toronto se ouvirá bem alto o Hino da Liga dos Combatentes e soará bem forte o nosso grito:

**Liga dos Combatentes, Valores Permanentes**  
**Liga dos Combatentes, Em todas as frentes**

O Presidente da Liga dos Combatentes  
 General Joaquim Chito Rodrigues



## Hino da Liga dos Combatentes

Mar aberto terra ardente  
Portugal em nossa frente  
precisa de todos nós  
é premente prosseguir  
uma pátria que a sorrir  
sempre evoque os seus avós

Das raízes que nós fomos  
combatentes que somos  
dando a eterna imagem  
que dentro de nós traremos  
entre dons e bens supremos  
de Portugal, de Portugal  
de Portugal, a coragem

A pátria por nós espera  
todos somos tronco e hera  
numa inteira doação  
rufem heróicos tambores  
seremos continuadores  
da sua perpetuação

Pisemos o chão bem forte  
obreiros da própria sorte  
em segurança total  
das luzes da nossa glória  
digamos olhando a história  
combatentes, combatentes  
combatentes por Portugal.



## MONUMENTO AOS COMBATENTES DO ULTRAMAR

Inaugurado em Fevereiro de 2000, 26 anos depois de terem terminado as Guerras do Ultramar, é da autoria de Carlos Guerreiro e Batista Barros. Homenageia todos aqueles que morreram em combate na Guerra do Ultramar, entre 1961 e 1974. A parede em redor do monumento está revestida com cerca de 180 placas onde estão gravados os nomes dos cerca de 9000 ex-combatentes mortos em combate.

Numa homenagem a todas as almas que serviram Portugal e seus interesses nas inúmeras frentes de batalha em terras outrora PORTUGUESAS. Hoje são apenas números de uma estatística silenciosa onde apenas são recordados pelos seus camaradas de combate em almoços e convívios. Deixaram para trás famílias, juventude em prol de algo que NUNCA SERIA PORTUGUÊS, lutaram bravamente perdendo a sua juventude, parte da evolução de seus filhos mas mais valioso que tudo isso, tombaram perante as inúmeras balas que rasgavam seus corpos como de folhas se tratassem. Hoje seus nomes apenas são lembrados por seus familiares, amigos e por inúmeras lápides por esse Portugal afora.

A todas essas almas que lutaram firmemente em terras Ultramarinas. Aos responsáveis por este genocídio,



que pode ser encarado como uma simples trapalhada, calaram para sempre a voz de uma juventude dilacerada pelo esquecimento de uma nação. Hoje os que sobreviveram recebem pensões de transtorno por estresse pós-traumático, que na sua maioria dos casos não chega a mais do que 300 euros. Perante o sacrifício que fizeram é uma simples esmola a todas estas almas tão pouco valorizadas. O 1º militar \*Português morreu em 1954 e o último morreria em 2010. Servindo sempre as cores da bandeira \*PORTUGUESA.



# Combatente Ontario



## Editorial

Faz agora um ano que foi inaugurado o Monumento em memória dos combatentes portugueses e canadianos. Não lembramos apenas os que pagaram o supremo sacrifício pelas terras de África. Lembramos os que ficaram em Flandres, na Primeira Guerra Mundial. Lembramos os que nos deixaram já em tempo de paz. E serve também como ponto de encontro anual dos vivos, para mostrarem que não se esqueceram dos ex-companheiros de armas, conhecidos ou desconhecidos, mas que em dado momento das suas vidas estiveram ligados por um invisível laço de camaradagem.

A nossa associação tem como fim promover o convívio dos que serviram a pátria no ultramar Português.

Não temos quaisquer afinidades ou fins políticos. As portas estão abertas a todos que desejarem juntar-se-nos. É uma associação que abrange pessoas de todas as partes do país, desde o Minho ao Algarve, Madeira e Açores. Não esquecendo os naturais de África que aqui residem.

Como Núcleo da Liga dos Combatentes, os que aqui se inscreverem, serão sócios da Liga. Respeitamos todas as ideias e crenças como aliás se pode ver nos textos da revista, escritos todos eles por associados nossos.

Temos já bastantes associados, mas sabemos que há milhares por este Ontário que ainda não se manifestaram. Alguns porque não gostam, o que compreendemos e respeitamos, outros porque foram tocados pelos estigma que alguns pseudo esquerdistas, que por falta de ideais e para se demarcarem como democratas, nos lançaram e continuam lançar, chamando-nos tropas colonialistas, como se os soldados tomassem decisões políticas. Sentem-se talvez diminuídos, apesar de terem servido a Pátria.

A este propósito vou transcrever um parágrafo do discurso do Dr. António Barreto, (o qual pode e deve ser lido por completo mais à frente nesta revista) e que diz o seguinte: **"Um antigo Combatente não deve ser tratado de colonialista, democrata ou revolucionário de acordo com conveniências ou interesses menores. A sua origem, a sua classe social, a sua etnia, as suas crenças ou a sua forma de vínculo as forças armadas, são a este propósito indiferentes: FORAM SIMPLEMENTE SOLDADOS PORTUGUESES."**

Mesmo obrigados a cumprir o serviço militar, sabemos que cumpriram o seu dever com bravura e dignidade. Junta-te a nós, ninguém pode apagar o passado. Para os que nos olham de lado vale a pena lembrar que foram os combatentes que fizeram o 25 de Abril. Foram os combatentes que deram a democracia a este Portugal novo. Foram os combatentes que deram os cravos vermelhos que eles trazem ao peito.

Hoje 13 de Outubro de 2013 vamos - ser fiel ao nosso lema **SACRIFICADOS EM VIDA, NA MORTE RESPEITADOS** homenageando quem deve ser respeitado.

Na nossa singela homenagem teremos: por PORTUGAL! - a Bandeira que um dia servimos. Por PÁTRIA - a (nossa) Língua Portuguesa. por PAÍS o Canadá, que tão bem nos soube acolher.

Não podia terminar sem deixar aqui expressos os nossos sinceros agradecimentos às pessoas e firmas que nos ajudaram e nos deram patrocínios, pois sabemos que para sindicatos, firmas comerciais e órgãos da comunicação social, aqui mencionadas, mais do que o interesse comercial esteve o desejo de apoiar este projecto.

Bem hajam!

**Luis Vieira**  
Presidente



**LIUNA!**  
Ontario Provincial District Council



Benefit Plan Administrators Limited  
A member company of the BPA Financial Group Est. 1988  
**BPA**

As Direções Executivas da LIUNA Local 183,  
do OPDC e do Corpo Administrativo do BPA  
assim como todos os seus Representantes, Funcionários e Membros

Saúdam o  
Ontario Association of Portuguese War Veterans  
neste seu primeiro lançamento da revista  
**Combatente Ontario**  
comemorativo da inauguração  
do monumento em memória  
dos combatentes portugueses e canadianos.

Desejamos o maior sucesso.

**Jack Oliveira**  
Business Manager

**Luis Camara**  
Secretary Treasurer

**Bernardino Ferreira**  
Vice-President

**Jaime Cortez**  
E-Board Member

**Nelson Melo**  
President

**Marcello Di Giovanni**  
Recording Secretary

**Patrick Sheridan**  
E-Board Member

**Head Office**  
1263 Wilson Avenue, Toronto ON M3M 3G3  
416 241 1183 ph • 416 241 9845 fx  
1 877 834 1183 toll free

**Simcoe County Office**  
62 Commerce Park Drive Units D&E, Barrie ON L4N 8W8  
705 735 9890 ph • 705 735 3479 fx  
1 888 378 1183 toll free

**Eastern Office**  
560 Dodge Street, Cobourg ON K9A 4K5  
905 372 1183 ph • 905 372 7488 fx  
1 866 261 1183 toll free

**www.liunalocal183.ca**

## OS FUNDADORES DA ONTARIO ASSOCIATION OF PORTUGUESE VETERANS

*E este o nome oficialmente registado da nossa Associação. Associação de ex-combatentes, que teve o seu início na vontade de duas pessoas, o Eduardo Resende e José Mário Coelho.*

### Eduardo Resende



Foi um militar convicto, Sargento Pára-quedista com várias comissões cumpridas em diferentes províncias, louvado enquanto no batalhão de Caçadores Pára-quedistas "pelo vibrante entusiasmo que tem posto no cumprimento de todas as missões operacionais em que a companhia tem tomado parte e pela maneira como sabe incutir, aos homens sob o seu comando, um elevado espírito de sacrifício, com o seu magnífico exemplo, sempre na 1ª linha".

Não é pois de admirar que se tenha lançado nesta missão de anualmente reunir os ex-combatentes espalhados por este Ontário, começando com um convívio anual, mas que foi crescendo até se tornar um Núcleo da Liga dos Combatentes.

Fez com que a Associação se juntas se às comemorações do 11 de Novembro, no Queens Park, DIA DO ARMISTÍCIO, prestando homenagem aos que pereceram na 1ª e 2ª guerra Mundial; fez com que os ex-combatentes participem nas comemorações do 10 de Junho, inseridos na parada da ACAPO.



experiência adquirida, frequentemente recorremos para aconselhamento.

*Camarada Resende: Missão Cumprida?*

### José Mário Coelho



Desde a primeira hora esteve com o Eduardo Resende nesta Associação que começou por organizar os encontros anuais de ex-combatentes e que foi emprestando a sua experiência como membro activo desta comunidade, elevou a associação a outro patamar com o registo oficial no Ontário, e tornando-a um NÚCLEO DA LIGA DOS

COMBATENTES, no Ontário, sendo desde a primeira hora o seu presidente.

É ainda sob a presidência dele, e ajudado por um bom grupo de colaboradores, que os encontros anuais ganham prestígio, contando com a presença de convidados ilustres Portugueses e Canadianos.



É ainda sob a sua orientação que se forma um grupo para angariação de fundos para a aquisição de um lote e construção de um Monumento, o qual, nesta altura estamos a festejar o 1 aniversário.

Continuamos a contar com a sua experiência e colaboração.



**Combatente**  
Ontário



FABRICO AUTORIZADO  
PELO GOVERNO FEDERAL



*The Finest in Portuguese & Spanish Sausages*  
FABRICANTE DE ENCHIDOS PARA TODO O CANADÁ.



**MORCELA FARINHEIRA  
CHOURIÇO PAIO SALPICÃO  
TOUCINHO SALAME  
PRESUNTO LINGUIÇA QUEIJOS**

TEL: (905) 277-0677  
FAX: (905) 277-0533  
www.borgesfoods.com  
**1831 MATTAWA AVENUE  
MISSISSAUGA, ONTARIO L4X 1K7**



**CALDENSE BAKERY**  
*Home of the "Custard Tart"*

**CROSSROADS PLAZA**  
2625 A Weston Rd., Unit 12  
Toronto, ON M9N 3V8  
Tel: (416) 245-3847

**3497 Dundas St. W.**  
Toronto, ON M6S 2S1  
Tel: (416) 761-9499

**5425 Creditview Rd, Unit 14**  
Mississauga, ON L5V 2P3  
Tel: (905) 814-0049

**HEAD OFFICE:**  
Royce Dupont Plaza  
337 Symington Avenue, Toronto, ON M6P 3X1  
Tel: (416) 535-9993

**1209 Dundas St. W., Toronto, ON M6J 1X3**  
Tel: (416) 534-3847

**10 Greensborough Village Circle, Markham, ON L6E 1M4**  
Tel: (905) 209-8400

**3651 Mjr. Mackenzie Dr., Unit E5, Vaughan, ON L4L 1A6**  
Tel: (905) 303-3847

**WESTSIDE MALL**  
2406 Eglinton Ave.  
Toronto, ON M6M 3X1  
Tel: (416) 657-1999

**802 Dundas St. W.**  
Toronto, ON M6J 1K3  
Tel: (416) 703-3433

**301 Dundas Street West**  
Whitby ON L1N 2M6  
Tel: (905) 668-2253

**www.caldensebakery.ca**

## Ex-Combatentes: Os primeiros passos

O nosso amigo e camarada Eduardo Resende, natural de São Miguel, foi convidado pelos camaradas ex-combatentes do Ultramar de Montreal para participar no seu jantar anual de aniversário. Por simples companheirismo, Eduardo Resendes convidou-me para o acompanhar e fazer a entrega de uma placa comemorativa. Ficámos em casa da enfermeira e pintora Mercês Resende dos Reis, irmã do Eduardo, casada com o mecânico Manuel dos Reis, um casal cinco estrelas. Tudo correu como o previsto, em grande ambiente de festa e amizade, histórias de alegrias e tristezas, e até algumas lágrimas de saudade.



Um dos sonhos do grupo era erguer uma estátua de homenagem aos militares portugueses e canadianos falecidos nos campos de batalha. Com as dificuldades que facilmente todos imaginam, formou-se uma comissão angariadora de fundos e, depois de mil e uma lutas, e o apoio amigo dos fundadores e membros da Associação, tal como dos amigos que nos garantiram apoio económico, conseguiu-se erguer a estátua e inaugurá-la com pompa e

circunstância no dia 13 de Outubro de 2012, no Glen Oaks Memorial Gardens, em Oakville. Este ano, na mesma data, iremos comemorar o 1º. Aniversário do monumento.



circunstância no dia 13 de Outubro de 2012, no Glen Oaks Memorial Gardens, em Oakville. Este ano, na mesma data, iremos comemorar o 1º. Aniversário do monumento.

Resende interrogou-me: -Porque não realizamos um jantar anual em Toronto? Somos ex-militares em maior número...

Assim, começou a germinar o nascimento da organização. Em Toronto, Eduardo Resende iniciou contactos com vários ex-militares portugueses do Ultramar. Facilmente se conseguiu um punhado de ex-combatentes que logo formaram a "Comissão do Encontro Anual dos Ex-Combatentes", em Toronto, com grande sucesso. Os anos passaram e os encontros

sucederam-se sempre com um convidado especial, uma alta patente militar, que tivesse prestado serviço no Ultramar. Ultimamente, a organização passou a convidar também militares luso-canadianos e altas patentes canadianas no activo. Uma integração louvável e que deu bons frutos. Foram também convidados de honra, entidades oficiais do Canadá e de Portugal.

Quem diria que de uma simples conversa entre dois viajantes sonhadores iria nascer tão importante organização, hoje denominada "Ontario Portuguese Veterans Association?"



Quem diria, repito, que de uma banal conversa entre amigos, se atingisse a situação de grandeza onde nos encontramos hoje?

Os tempos mudam, as crises multiplicam-se mas, esperamos, os ex-combatentes do Ultramar vão continuar com a mesma tenacidade e coragem com que defenderam a Pátria a manter e valorizar a Ontario Portuguese Veterans Association.

Assim pensamos e confiamos. Um abraço para todos.

José Mário Coelho



**Combatente**  
Ontario





## A Epopeia Portuguesa

Portugal é um país feito de descobertas, conquistas e emigração. Desde os primórdios que Portugal foi alargando fronteiras através de conquistas até que se virou para o mar.

Caravelas que sulcaram mares desconhecidos, encontrando terras onde só se esperava ver mar. Povoaram as que estavam inabitadas. Foram os primeiros emigrantes, primeiro para Madeira, depois Açores e pela África dentro passaram o Cabo da Tormentas, assentaram praças em África. Mais Emigrantes. Fomos para a Índia e Brasil.

Mais tarde, em tempos mais modernos com a partilha das terras de África, com o celebre mapa cor de rosa, ficaram definidas as colónias Portuguesas, Angola, Moçambique e Guiné. Já tinha-mos também há muito um pé na Índia, Goa, Damão e Diu. Estava construído o Império Português. Tão vasto que se dizia que nunca se via o sol posto.

Mas como dizia o Poeta, que também foi combatente, Camões:

***Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades  
Muda-se o ser, muda-se a confiança;  
Todo o mundo é composto de mudança  
Tomando sempre novas qualidades.***

Já era assim naquele tempo, mas nem sempre era percebido, pelo menos com a celeridade que se impunha, pelos governantes.

Começou a queda do Império, primeiro Brasil, depois Índia, e finalmente África. Foi nesta última onda que fomos apanhados. E o resto já todos sabemos.

**Fomos a última Geração de toda esta Epopeia que tinha começado há mais de 600 anos.**

Por isso aqui fica o pensamento de outro grande poeta: Fernando Pessoa que nos diz que ainda ficamos com uma Pátria bastante grande:

***A minha Pátria é a língua Portuguesa***  
E não diz como foi a epopeia:

## O Mar Salgado

***O mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso ao mar***

***Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo é o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu***

"Nós, a população activa, temos uma dívida de gratidão para com os idosos deste país.

Foram eles, os que hoje estão reformados e aposentados, que pagaram as escolas onde estudámos gratuitamente, os hospitais onde nos tratámos sem taxas moderadoras; foram eles que pagaram as maternidades onde nasceram sem qualquer custo para as famílias alguns dos que agora os consideram apenas como um custo económico que é preciso reduzir ou eliminar.

O governo português tem de respeitar os pactos que os reformados e os aposentados celebraram com o estado e com a segurança social quando eram trabalhadores activos e garantir-lhes um fim de vida com dignidade."

[Extracto do Discurso de Marinho Pinto na abertura do Ano Judicial 2013]



## O CRAVO

Por causa da forma dos seus frutos, que lembram pequenos pregos, o Cravo tornou-se símbolo da paixão de Cristo. Representa o amor puro e inocente daquele que nasceu para ajudar o próximo. Quem é Cravo, sabe dividir o pão. O Cravo também está ligado à política e à religião. É uma pessoa que briga pela igualdade social, capaz de colocar os interesses da sociedade, do grupo e da família à frente das suas aspirações particulares.



Fonte: Planeta na Web/Horóscopo das Flores

## RELEMBRAR PARA NÃO ESQUECER

Faro, 10 de Junho de 2010

Publicada por António Barreto, Junho 11, 2010



Senhoras e Senhores,

O DIA DOS PORTUGUESES ou, oficialmente, o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, comemorado em 2010, tem um significado especial. Na verdade, assistimos esta manhã a um desfile das nossas Forças Armadas precedido de uma extensa delegação de Veteranos, de Antigos Combatentes, mais singelamente de combatentes dos exércitos em todas as guerras e conflitos em que Portugal esteve envolvido desde meados do século XX.

Ao ver desfilar umas dezenas de antigos combatentes, de todos os teatros de acção militar em que Portugal participou, não sentimos vontade nem necessidade de lhes perguntar pela guerra, pela crença ou pela época. Sentimos apenas obrigação de, pelo reconhecimento, pagar uma dívida. Sentimos orgulho por saber que é a primeira vez na história que tal acontece e que está aberta a via para a eliminação de uma divisão absurda entre Portugueses. Com efeito, é a primeira vez que, sem distinções políticas, se realiza esta homenagem de Portugal aos seus veteranos.

Centenas de milhares de soldados portugueses combateram em nome do seu país, do nosso país, desde os inícios do século XX até à actualidade. Já não há sobreviventes do Corpo Expedicionário Português enviado para Flandres, na 1ª Grande Guerra Mundial, nem das forças que, no mesmo conflito, lutaram em África. O último veterano dessa guerra, José Maria Baptista, morreu a 14 de Dezembro de 2002. Depois daquele conflito, as guerras foram, durante décadas, poupadas aos Portugueses. Só a partir de finais dos anos 1950 os soldados e outras forças militarizadas voltaram a encontrar-se em situações de combate aberto, primeiro no então Ultramar português, depois em múltiplos teatros de guerra, em associação com forças armadas dos nossos aliados da NATO e da União Europeia e em missões organizadas sob a égide das Nações Unidas. Independentemente das opiniões de cada um, para o Estado português todos estes soldados foram Combatentes, são hoje Antigos Combatentes ou Veteranos, mas, sobretudo, são iguais. Não há, entre eles, diferenças de género, de missão ou de função. São Veteranos e foram soldados de Portugal. É assim que deve ser.

Em Portugal ou no estrangeiro, no Continente ou no Ultramar, na Metrópole ou nas Colónias, as Forças Armadas portuguesas marcaram presença em vários teatros de guerra e em diversas circunstâncias. Militares portugueses lutaram em terra, no mar ou no ar, cumpriram os seus deveres e executaram as suas missões. Em Goa, em Angola, em Moçambique, na Guiné, no Kosovo, em Timor ou no Iraque. Todos fizeram o seu esforço e ofereceram o seu sacrifício, seguindo determinações políticas superiores. As decisões foram, como deve ser, as do Estado português e do poder político do dia. Mas há sempre algo que ultrapassa esse poder. O sacrifício da vida implica algo mais que essa circunstância: é, para além das vicissitudes históricas e dos ciclos de vida política, a permanência do Estado.

Os soldados cumprem as suas missões por diversos motivos. Por dever. Por convicção. Por obrigação inescapável. Por desempenho profissional. Por sentido patriótico, político ou moral. Só cada um, em sua consciência, conhece as razões verdadeiras. Mas há sempre um vínculo, invisível seja ele, que o liga aos outros, à comunidade local ou nacional, ao Estado. É sempre em nome dessa comunidade que o soldado combate.

Na verdade, em todos os episódios de guerra referidos e noutros mais, há fenómenos de natureza diversa. Houve decisões políticas de carácter exclusivamente nacional, mas também houve actos de colaboração em missões multinacionais, como houve decisões estratégicas colectivas das alianças de que Portugal é membro. Também conhecemos decisões políticas tomadas em vários quadros: com e sem legitimidade democráticas, com e sem referenda parlamentar. E até, finalmente, situações em que o Parlamento fica aquém daquela que deveria ser a sua função. Com efeito, a Constituição e as leis não obrigam, infelizmente, a que as missões no estrangeiro sejam aprovadas pelo Parlamento. Apenas admitem o "acompanhamento do envolvimento" militar no estrangeiro, o que nem sempre é rigorosamente cumprido.

A análise destas diferenças pode ser importante do ponto de vista político, histórico e intelectual. Mas, no plano do reconhecimento de um povo, do respeito devido e do esforço do soldado, essas distinções são secundárias ou inúteis. Foram, simplesmente, militares portugueses que tudo deram ou tudo arriscaram. É esse o reconhecimento devido.

Um antigo combatente não pode nem deve ser tratado de colonialista, fascista, democrata ou revolucionário de acordo com conveniências ou interesses menores. A sua origem, a sua classe social, a sua etnia, as suas crenças ou a sua forma de vínculo às Forças Armadas são, a este propósito, indiferentes: foram, simplesmente, soldados portugueses.

Pelo sacrifício, pela duração e pelas implicações políticas, as guerras do Ultramar foram evidentemente as que mais marcaram as gerações das últimas décadas. Mas, ao longo dos trinta anos de democracia e de compromissos internacionais, muitas centenas ou milhares de cidadãos portugueses estiveram presentes em teatros de guerra e em missões de protecção da paz ou de mediação. Novos sacrifícios foram feitos, vidas foram interrompidas, carreiras e famílias suspensas.

Todos esses militares, os de Luanda ou do Líbano, os da Guiné ou da Bósnia, merecem o nosso respeito. São antigos combatentes. São Veteranos. São soldados que cumpriram os seus deveres e que, com excepção dos que tenham moralmente abusado das suas funções, merecem a nossa homenagem. Não há lugar, não deve haver lugar para diferenças entre esses Veteranos. Não há Veteranos melhores ou piores do que outros. Não há Veteranos que mereçam aplauso e Veteranos a quem se reserve o esquecimento. Não há Veteranos ou Antigos Combatentes fascistas ou democráticos, socialistas ou comunistas, reaccionários ou revolucionários. Não há Veteranos de antes ou de depois do 25 de Abril. Não há Antigos Combatentes milicianos ou de carreira ou contratados. Há Veteranos e Antigos Combatentes, ponto final! É o que nós lhes devemos. Nós, todos, os que fizeram ou não, os que concordaram ou não com as guerras, sem distinção de época, de governo ou de cor política.

Portugal não trata bem os seus antigos combatentes, sobreviventes, feridos ou mortos. É certo que há, aqui e ali, expressão de gratidão ou respeito, numa unidade, numa autarquia, numa instituição, numa lei ou numa localidade. Mas, em termos gerais e permanentes, o esquecimento ou a indiferença são superiores. Sobretudo por omissão do Estado. Dos aspectos materiais aos familiares, passando pelos espirituais e políticos, o Estado cumpre mal o seu dever de respeito perante aqueles a quem tudo se exigiu.

continua na página 28



TIRES • ALIGNMENT • BRAKES • SUSPENSION • EXHAUST • TUNE-UP LUBRIFICATION • AIR CONDITIONING • TRANSMISSION



**NOW THERE'S NO JOB TOO BIG FOR BENTO'S**

ROAD ASSISTANCE

**BATTERIES  
FROM JUST  
\$99.00**

Now offering service  
for over-size,  
heavy duty and commercial  
vans and trucks!  
Up to 16 ft. and 18,000lbs.  
SAFETY & COMMERCIAL  
STICKERS

OPEN  
24 HRS

7 DAYS A WEEK!



smart  
NOW EQUIPPED  
TO SERVICE  
SMART CARS

**BENTO'S AUTO & TIRE CENTRE**



2000 Dundas Street West, Toronto, ON M6R 1W6

**(416) 533-2500**

www.bentoscarservice.com • e-mail: batc@rogers.com

**BENEFÍCIOS EXTENSIVOS AOS MEMBROS DA ASSOCIAÇÃO DOS EX-COMBATENTES DO ONTARIO**

**\$5.00** desconto, por membro,  
nos testes de emissão e  
nas mudanças de óleo.

Preços especiais no aluguer de viaturas durante  
as deslocações a Portugal, com **5% de desconto**,  
nas classes A a C, com mais de 3 dias, tem o  
privilegio de levantar e entregar o carro em  
75 diferentes localidades em Portugal Continental.



**BENTO'S** Tours Inc.

O/A BENTO'S TRAVEL SERVICES

AGTA  
vacation.com

Where may we  
we take you?



Reserva de Viagens / Cruzeiros / Estancias Balneares e de Hotéis • Pacotes de Viagem a Ultima Hora  
Aluguer de Automóveis • Serviço de Traduções • Imposto Complementar (Income-Tax / E-Filing)

RESERVE COM ANTECEDENCIA!  
POUPE TEMPO E DINHEIRO  
NAS SUAS FERIAS!

Tel: **(416) 588-2000** Fax: **(416) 588-2258**

bentos@rogers.com

2000 Dundas Street West, Toronto, ON M6R 1W6

Os nossos sócios terão descontos nas suas estadias em Portugal na aquisição de produtos bem como nas  
combustível nas lojas participativas. Cemitério de Glen Oak em Oakville, com preços especiais nos  
serviços de funerais personalizados e venda de talhões aos ex-combatentes portugueses e canadianos.

## BENTO DE SÃO JOSÉ NA GUERRA DO ULTRAMAR



Sim, é verdade. Já vão muitos anos, mais precisamente no dia 17 de Junho de 1960 quando, integrado numa Companhia de Caçadores Especiais, desembarcou no enclave de Cabinda, bem para lá do outro lado do majestoso rio Zaire.

Mas vamos primeiro falar um pouquinho deste luso/canadiano que vem exercendo a sua actividade como proprietário duma oficina de reparações mecânicas de viaturas automóveis e venda de viaturas usadas "Bento's Auto & Tire Centre Ltd." estando aberto 24 horas e 7 dias por semana. Paralelamente a este negócio, Bento de São José é proprietário duma agência de viagens, excursões e aluguer de viaturas, bem conhecida por "Bentos' Tours". Este industrial tem sido um grande apoiante das actividades sócio/desportivas dos nossos clubes e associações onde é frequente baterem à porta do "Tio Bento", como muitos de nós carinhosamente lhe chamamos, e de obras de beneficência à terceira idade, Hospital das Crianças, aos jovens no desporto comunitário e escolar, na angariação de fundos para localidades do Concelho (em Portugal) onde nasceu, para a cura do cancro, de doenças coronárias e outros males que infelizmente ouvimos frequentemente falar nas nossas conversas mundanas e na comunicação social.

Sempre exerceu a sua actividade por conta própria, mesmo antes de assentar praça, no dia 13 de Janeiro de 1960, no Batalhão de Caçadores 5, em Lisboa, e nos disse que nunca esperou ser mandado para África. Mas foi. Jurou bandeira, no dia 6 de Junho de 1960, no Cais da Rocha e, naquele local, após este acto, foram conduzidos para o barco que levou este Batalhão, formado por 3 Companhias de Caçadores Especiais, para Angola. Antes disto todos os militares daquela unidade incorporados com Bento de São José, foram treinados na então criada especialidade de "Rangers", no Quartel de Lamego.

Chegou a Cabinda no dia 17 de Junho de 1960 e como navios de grande calado não podiam encostar ao cais tiveram que permanecer em mar-alto e a Companhia ser desembarcada em pequenas lanchas que os levava para terra num mar bastante alteroso, ou picado. Foi o primeiro susto do Bento, mas com calma lá foram chegando a terra sem problemas de maior. Aqui a ambientação ao clima quente e doentio foi mais difícil pelo ar sufocante que quase não os deixava respirar e da transpiração constante pela humidade elevada. Poucos dias de ter chegado, Bento de São José recebe a triste notícia do falecimento de seu pai que o deixou espiritualmente abatido pois tinha sempre dentro de si a esperança de o tornar a ver ficando apenas, naqueles dias, a dor e a recordação da última vez que o viu, quando embarcou para Angola. Nunca esperou vir a receber esta mensagem do seu falecimento e isto bem o abalou, para sempre, segundo nos disse.

Em terra permaneceram por muito tempo em barracas pois não havia quartel para tantos militares e uma das primeiras missões foi dar segurança a viaturas de refugiados que chegavam à fronteira vindos do Congo Belga que se tinha tornado independente eclodindo uma guerra

civil longa e sangrenta naquele território. Tinham também a missão de patrulhar as vilas e sanzalas mais as missões religiosas espalhadas por aquele território e a floresta enorme do Maiombe e a todos os lugares onde a população necessitasse de segurança e ordem.

Juntamente com alguns colegas de unidade construiu uma pequena capela em madeira junto das tendas com uns bancos dedicado a Virgem Maria e ali, ele, mais um grande número de soldados, a visitavam antes de seguirem para as patrulhas, pedindo a Nossa Senhora a protecção Divina para que nada lhe acontecesse. E este pedido, segundo nos referiu, cumpriu-se pois saíram sempre ilesos nas ações militares.

Entretanto sofre um acidente com o seu Jeep tendo sido hospitalizado 17 dias em estado de coma. Após recuperado, dá mais uma vez baixa à enfermaria, sofrendo de paludismo, febre esta que quase o vitimou. Bento disse-nos que Deus o poupou de ir, por enquanto, para o seu

Reino, por, quicá, a sua obra não estar completada. Recuperado voltou, mais uma vez, para a sua unidade para dar continuidade ao seu serviço e também no ajudar doutros colegas dando aulas a muitos desses militares iletrados, preparando-os para efetuarem exames da terceira classe da

instrução primária, a escrever-lhes cartas para as famílias e madrinhas de guerra, isto tudo durante o seu tempo de lazer mais o serviço de patrulhamento que era bastante intenso dado que com apenas 150 homens e cobrir um vasto território, não havia muito tempo para descansar, obviamente. Bento foca o respeito que todos os militares tinham pelo seu comandante de Companhia, o capitão Soares Carneiro, hoje general, pessoa bondosa e altruísta sendo um autêntico pai para todos os homens.

Finalmente, ao fim de 2 anos, vão para Luanda e embarcam de regresso a Lisboa onde chegam, são e salvos, em Agosto de 1962, só com dois camaradas mortos, em ação, durante a comissão, o que é um verdadeiro milagre.

Em Portugal toma a decisão de emigrar para o Canada porquanto já cá tinha irmãos e, prior à partida, casa-se no dia 5 de Janeiro de 1963 e mais precisamente a 17 de Março de 1963, vem com a esposa para Toronto. Chegado a

estas terras estava inclinado a abrir um escritório de representações de malhas, roupas, calçado e outros têxteis que posteriormente desistiu por diversas razões ingressando tempos depois na Fábrica Ford, em Oakville.

Após 50 anos volta, com muito orgulho, a envergar o camuflado de campanha como director e vice-presidente do executivo do Ontario Association of Portuguese Veterans, numa obra de ex-militares, para agregar, nesta agremiação todos aqueles que combateram debaixo da bandeira de Portugal no Ultramar por aqui radicados e que, segundo os cálculos, talvez ultrapasse os cinco mil.

Bento de São José diz-nos também ter sido um dos primeiros portugueses instrutores de condução de veículos coisa que, francamente, desconhecíamos até ao momento.







## CARPENTERS LOCAL 1030

UNITED BROTHERHOOD OF CARPENTERS AND JOINERS OF AMERICA

On behalf of the  
Carpenters Union Local 1030  
we wish all our  
members and their families a  
wonderful Thanksgiving Day

### Executive and Staff

Ziggy Pflanzner,  
President  
Tony Candiano,  
Financial Secretary  
Daniel Averó  
David Aguiar  
Durval Terceira  
Fabiano Almeida  
Gary Realeijo  
Horacio Leal  
Jack Gonçalves  
Jaime Melo  
Joe Jeronimo  
John Carvalho  
Tony Pacenza  
Tony Losak



Allied Construction Employees Local 1030

149 Main Street East  
Hamilton, ON L8N 1G4  
Tel: 905-522-5379  
Fax: 905-522-8678

223 Rowntree Dairy Rd  
Woodbridge, ON L4L 9T2  
Tel: 905-652-4140  
Fax: 905-652-4139



DOMESTIC  
&  
INTERNATIONAL  
WINES

**EVOLUTION**  
wines  
BY MACEDO WINERY

1381 DUFFERIN ST.  
TORONTO, ON M6H 4C7  
416-535-0416

## Casos e Casos

Tibério Branco



Após 44 anos de regresso do Ultramar, mais concretamente da Província da Guiné, vou relatar casos que na minha opinião são um tanto ou quanto caricatos, mas como recordar é viver, aqui vão alguns episódios.

Após o desembarque, imediatamente passamos a ser apelidados de periquitos, pois devido ao verde das fardas camufladas, e existir uma certa semelhança com o verde dos pássaros, assim somos conhecidos não só pelos militares como até pelas próprias populações indígena.

Ao chegar ao primeiro destacamento, para primeira refeição foi-nos servida mancarra (amendoim) pois é o prato preferido dos periquitos. Nada mau para começar?

As primeiras instruções são as seguintes; primeiro e mais importante evitar beber água, pois a sua qualidade e transparência deixam muito a desejar. Como tal o consumo de cerveja e outros líquidos semelhantes são altamente utilizados, muitas vezes em quantidades industriais. Não por nossa culpa, mas sim devido ao clima muito quente e acima de tudo a humidade constante que ronda sempre acima dos 90%. Boa desculpa para os bebedores, e não só.

Mas às vezes os casos invertem-se. Para confirmar este facto, quando da primeira vez em que foi estabelecido contacto, e após um período prolongado debaixo de fogo, depois de termos andado toda a noite e parte da manhã com os nervos a serem mais fortes que o cérebro, e para confirmar tal facto, quando encontramos água, ninguém se

preocupou com as rajadas que ainda andavam nas redondezas, pois como autênticos loucos entramos com pés e mãos para dentro do poço, passando o fogo a ser uma situação secundária. Ai sim, todos e mesmo todos bebemos água, a mais deliciosa água que jamais encontramos ou iremos encontrar.

Alguns dias depois, numa emboscada á noite, após chegarmos ao acampamento, demos por falta de um soldado, e nestas ocasiões é que se nota o alto espírito de voluntarismos, pois todos queriam ir para a mata, à procura do camarada, mas felizmente após pouco mais de um quilómetro apareceu o homem mais procurado, e como devem calcular em estado de choque, pois nem conseguia falar. Chegados ao aquartelamento, as perguntas da praxe. Depois de período de recuperação um tanto ou quanto longo, veio a resposta, e para espanto de todos, foi a seguinte: Peguei no sono e quando acordei estava sozinho na mata. Grandes homens somos nós, que mesmo em terreno desconhecido dormimos com toda a tranquilidade, o problema só veio mais tarde, quando acordou e estava na terra de ninguém. Bravo.

Guardo para a próxima edição para relatar mais, casos e casos. até lá votos de muita saúde.

## O MEDO!

Cruz dos Santos  
COIMBRA



Quando somos jovens sonhamos imenso. Fantasiamos muito acerca do futuro. Imaginamos vir a ser grandes pintores, escritores ou escultores. Vemo-nos conquistar o mundo como músicos, políticos ou estrelas do desporto. Gradualmente, à medida que envelhecemos, os nossos sonhos vão-se desvanecendo, e as pessoas dizem-nos que temos de parar de sonhar acordados, esquecer as nossas fantasias e pormos de lado as nossas esperanças.

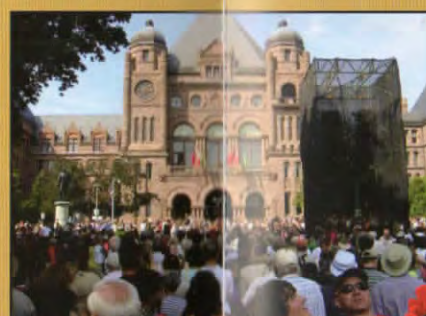
A sociedade não gosta de sonhadores, quer que adoptemos um papel prático. Não quer pessoas com as suas próprias visões do futuro. A sociedade quer que vendamos as nossas almas por uma casa suburbana, um automóvel e outros luxos que enfeitem essas fúteis banalidades. Esta sociedade, encontra-se cada vez mais doente, por acção ou por omissão de muitos "irresponsáveis", atingindo um estado impensável de extrema desorganização, de desrespeito, de indisciplina, ineficiência, da maior iniquidade e da mais clamorosa imoralidade. Acontece que em tempos de crise toda a gente sabe que a família é essencial. Goste-se mais ou menos do Estado Social, sabemos todos que já não chega a todo o lado e no futuro próximo, a menos lados ainda chegará. Durante anos, a julgar pelas "causas fracturantes", pensaríamos que já não havia classes, que os próprios pobres eram um anacronismo. Notícias dessa morte bem podiam ser também exageradas. Os pobres já cá estavam, mas sente-se que voltaram em força, porque voltaram às notícias. E sabemos que vai haver mais, ou seja, vai haver mais novos pobres. E menos Estado para os amparar.

E é nestes momentos de crise, de fome e de elevado número de desempregados, que os políticos (todos eles), fazem-nos rezear a violência de rua de forma a encorajar-nos a permitir que eles (e as estruturas sociais para as quais eles trabalham) tenham mais poder. Os políticos fazem-nos ter medo dos nossos inimigos no estrangeiro (mesmo que esses mesmos inimigos não sejam uma ameaça para nós) porque ao fazer-nos medo eles podem ganhar mais poder. O medo é uma arma potente nos dias de hoje, porque a omnipresença da televisão, da imprensa e rádio, significa que podemos ser amedrontados mais rápida e eficazmente do que nunca. Cada representante de cada estrutura social usa o medo para nos manipular. O medo ajuda-os a ser mais prepotentes, mais arrogantes e mais autoritários. O medo obriga-nos a vergar as costas, a sermos subservientes e a respeitarmos essa cáfila de incompetentes!

Lembre-se que não está só. Ninguém quer dormir debaixo da ponte. Ninguém quer que as pessoas sofram de fome até à morte. Ninguém quer cuidados de saúde ineptos. Ninguém quer ver o ambiente arruinado. Lembre-se que a sociedade só pode fazer coisas que você acha agressivas se a deixar.

**"Você tem todo o poder do mundo.  
Cabe a si decidir como e quando usá-lo!"**











# Europa

## CATERING & CONVENTION CENTRE

*Magnificent Decor*      *Full Banquet Services for*  
*Exquisite Food*      *Weddings, Baptisms &*  
*Stunning Arrangements*      *Other Social Events*

**TWO LOCATIONS TO SERVE YOU BETTER!**

**EUROPA CONVENTION CENTRE**  
7050 Bramalea Road - Mississauga  
**(905) 677-9100**

**EUROPA CATERING**  
1407 Dundas Street West - Toronto  
**(416) 534-5520**

[www.europaconventioncentre.com](http://www.europaconventioncentre.com)



## A minha ida à guerra...

Manuel Barreto



Foram dois anos em Angola. Sempre em zona de risco... mas sem nunca dar um tiro. De resto, a minha missão como radiotelegrafista não era dar tiros. E para além disso, ajudei, muitas vezes, a melhorar o estado geral de estradas e a fazer casas para os mais necessitados.

A chamada Guerra colonial foi, durante 14 anos, levada a efeito por forças militares do Governo (então de Salazar). E antes de continuar, direi que não fomos tão violentos como os nazis na Namíbia, os belgas no Congo ou os britânicos na África Ocidental e zona do Índico. Digo isto, para contrariar o que alguém vai dizendo.

Salazar mandou tropas para Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. Alguém diz, e não seremos nós a negar, que só fugiram a esta guerra os cobardes e alguns homens que o não eram. O que é facto é que a guerra em Angola estava ganha, em 1974 e os Africanos estavam bem melhor no tempo em que Angola era Província Ultramarina Portuguesa. Tinham o seu emprego, uma vida barata. Hoje têm uma vida bem mais difícil.

Vivi em Angola, como civil, durante 10 anos. E lia nas publicações internacionais que Luanda era a segunda cidade do mundo que mais crescia.



Voltando à guerra, embarquei em Lisboa - a 13 de Outubro - com destino a Angola, num navio civil, em 1962. Éramos 120 militares a viajar com alguns civis. Parámos na Ilha da Madeira, onde estivemos um dia. A próxima paragem foi na Ponta Negra (Congo ex-Francês). Última paragem: Luanda. Íamos integrar a companhia 189 do batalhão 186, conhecido pelo "batalhão do aço", que já estava há 12 meses em Angola. Quando os seus componentes acabaram a comissão, eu estava só com 12 meses, motivo porque não pude regressar com eles.

Fui para o Grafanil, em Luanda, então a aguardar colocação. De novo, me enviaram para o Norte, agora integrando a companhia 471 do batalhão 470.

Registe-se que na primeira companhia faleceram 9 colegas. Na segunda, o número de mortos diminuiu para 3.

Fala-se, e não serei eu a desmentir, que muitos se apresentavam como doentes a tal cobardia envergonhada e eu poderia talvez fazer o mesmo. Entraria então no Hospital Militar, em Luanda, como alguns fizeram não quis fazer isso, porque já nessa altura eu tinha o mínimo de arrojo, coragem e denodo.

Cumpri a minha missão. Como muitos o fizeram.







## CURA MILAGROSA

Por Abel Nunes

O Zé Babo, oriundo das bolanhas ao sul de Catio, nunca pecou por excesso de sabedoria. Era simples, ingênuo e analfabeto. Mas, se dermos ouvidos aos maometanos locais, que o desprezavam por ser

Balanta, logo ignorante dos dogmas do Corão, o Ze tinha a força de dez homens. E nas aldeias de Mato- Farroba e Cantone, próximo de Cufar, corriam rumores de que numa ocasião, a caminho da loja do Cabo-verdiano, lhe saltou a frente uma pantera. Pronta a cortar-lhe o passo, a fera soltou um urro capaz de assustar os burros de Bafatá, mas o Ze não se intimidou. Respondeu-lhe com um bramido medonho que arrancou dos seus pulmões de búfalo, e não só afugentou a pantera, que se escapou esbaforida, como pôs em alvoroço a fauna local que depois se manteve muda e desconfiada por um ror de tempo. Ate as hienas passaram a rir-se a socapa, e os macacos só empoleirados no cruto das palmeiras se sentiam seguros.

Naquela manha o sol, vindo das bandas do Futa Jallon, arrastou-se molengão mato adentro ate Mejo e despertou os quarto sentinelas que havia muito dormitavam nas guaritas de betão. Em frente das palhotas, envoltos na cacimba espessa que havia pernoitado no aldeamento, Fulas e Mandingas, depois duma lavagem ritual, ensaiavam as primeiras orações matinais, enquanto que a tropa, em magotes desordenados, se precipitava ladeira abaixo ate ao ribeiro onde a qualidade da água deixava muito a desejar. O Zé Babo, de toalha ao ombro, passo largo e pernas cambadas, nem chegou a porta d'armas, porque o sargento, meio cambaleante do reumático, o deteve com um pedido que o pobre Balanta não se podia dar ao luxo de ignorar. Zé- disparou-lhe o velho tarimbeiro- preciso de ti para me ajudares a mudar o frigorífico.

Como já ficou dito acima o Zé Babo era um valentão. Anos atrás, em Catio, perto da loja do Siriano, dois Mancanhas, brejeiros e atrevidos, botavam palavra em tons trocistas contra o simplório Balanta que comia mangos com casca. A provocação era obvia porque falavam em Crioulo, a língua franca nacional. Deixou-os falar ate acabar o ultimo mango. Depois, sem abrir a boca, pegou-lhes pelo pescoço e tocou castanholas com aquelas duas cabeças de conteúdo precário. Escusado será dizer que os dois Mancanhas passaram a tarde inteira no posto clinico. Nem participação houve.

-Ah meu sargento, eu muda sozinho- e com gestos medidos afastava os faxineiros, enquanto encostava o frigorífico, cheio de garrafas e carne de javali, ao peito e o segurava com dois braços possantes ate o colocar em cima de três cunhetes de munições. Uma hora mais tarde entrou na barraca do cabo enfermeiro a queixar-se duma dor de cabeça "muito grande". Este, ribatejano e aprendiz de novilheiro, não sabia como ver-se livre do Zé, porque as

prateleiras da "farmácia" estavam vazias, mas convenceu-o a voltar mais tarde. Tinha que procurar um comprimido muito especial, para homens grandes. O Balanta saiu, mas não foi longe. Ficou por ali, a rondar a porta, ate que o ribatejano o chamou para dentro, porque tinha finalmente encontrado o tal comprimido especial para as dores de cabeça "grandes".

-Fecha os olhos e abre a boca!- ordenou-lhe o enfermeiro, e acto continuo enfiou-lhe o tal comprimido pelas goelas abaixo, seguido dum copo de água filtrada que o Ze emborcou, muito submisso, e já farto de sofrer tamanha dor de cabeça. Pigarreou antes de sair, e agradeceu. O ribatejano, pouco seguro da eficácia do tratamento, quedou-se absorto e pensativo, temeroso de que o Ze voltasse, e lhe destruísse o barraco. Afinal não era muito provável que um botão do camuflado pudesse substituir um "Melhoral". Passou-se uma hora. Do Ze Babo nem sombras. Talvez tenha ido a caça- pensou. Um compatriota da Moita convidou-o para uma cerveja na cantina. Quando voltou para o posto já lá estava o Balanta, encostado a porta, como quem não tem pressa nem falta de tempo. O cabo enfermeiro, sem ser religioso, pediu a



Deus que o deixasse entrar na arena só mais uma vez. Aproximou-se. Mirou-o de alto a baixo e perguntou-lhe pela dor de cabeça. Qual dor de cabeça, nosso cabo? O comprimido que tu deu tira dor de cabeça a boi do Tombali. Eu não tem dor nada, nosso cabo. E prometeu-lhe - carne fresca quando fosse a caça no dia seguinte.

O sargento entrou e queixou-se que se lhe tinham acabado as pastilhas para a "prisão de ventre". Era assim o nosso sargento. Uma vez chegada a mensagem de Bissau para que se preparassem para uma operação dentro de dias os intestinos tornavam-se preguiçosos, e não raras vezes, já no mato, começava - uma diarreia manhosa, traiçoeira, precisamente quando o major das operações mandava atacar o objectivo X.

## A MINHA "GUERRA"

Por Carlos Morgadinho



Creio, pois a memoria já me vai faltando, que esta "estória" ocorreu no ano de 1965 quando prestava o serviço militar em Angola. Estava então, naquele ano, destacado no COMDEL (Comando da Defesa de Luanda), chefiando o centro de transmissões, fixo e móvel, daquele comando militar. No entanto era, por vezes, por dias, ou poucas semanas, enviado para operações militares ou inspeções ou treino de pessoal na zona operacional no norte daquela nossa ex-colónia, ordens essas que eram emanadas directamente da minha unidade-mãe, o Batalhão de Transmissões 361, também aquartelado em Luanda.

Desta forma uma dessas vezes, fui acompanhar uma companhia recentemente chegada de Portugal que tinha sido destacada para a Fazenda Maria Fernanda, na Região dos Dembos, no norte de Angola, e que era uma zona bastante flagelada pelos guerrilheiros pelo que grande parte das fazendas agrícolas (de plantações de café e não só) se encontravam, com excepção de poucas que tinham forças militares estacionadas, praticamente abandonadas.

A coluna militar composta por umas largas dezenas de camiões, militares e civis (a chamada MVL) deixou o campo militar do Grafanil, perto de Luanda, logo de manhãzinha, pelas 6 horas e dirigiu-se para o Caxito e Sassa e daí, a que chamávamos a "frenteira da guerra", sob escolta dum pelotão da companhia estacionada nesta ultima localidade, seguimos para Quicabo, "residência" dum comando de batalhão. Daqui saímos pouco depois para a fazenda Balacende desta com o apoio e protecção de outro pelotão de militares do referido Batalhão e lá fomos devagar, devagarinho, para a Fazenda Balacende.

Digo, devagarinho pois foi na época das chuvas, no clima tropical, que transformava as estradas em autênticas piscinas de lama que muitas das vezes nos cobria os joelhos e atolava as viaturas que tinham de ser descarregadas, empurradas à força dos braços, carregadas com a carga novamente e toca a andar até 5 ou 10 quilómetros à frente onde se repetia a "dose" descarregar, empurrar e carregar". A lama era tanta que por vezes cobria-nos os joelhos dificultando o andar e enchendo as botas, bolsos dos camuflados e o equipamento, ouvidos, cabelos, pescoço daquela autêntica "papa" que solidificava, horas depois. Foi um Inferno o "baptizar" destes jovens maçaricos que para ali foram mandados "defender a Pátria Bem Amada", e que teriam de se "penitenciar", pelo menos por um ano, até serem rendidos e levados para zona mais calma e sem a vivência diária com a morte por minas anti-carro, armadilhas, emboscadas letais e de metralha cujo alvo éramos nós.

As viaturas da Companhia de Transportes e da MVL, não só transportavam os militares como também víveres (sacos de batatas, cebolas, feijão, milho, grão, cenouras, caixas com enlatados e o principal, cerveja e licor) mais as munições, peças para viaturas avariadas nas diversas unidades por onde passávamos, correio e os haveres daqueles homens que tinham sido, por amor à pátria, contemplados com umas "férias" com sessões gratuitas de boa música, bem famosa na época, de que destaco o Tango dos Barbudos, ou da Metralha. Quem não se lembra dele?

No meu caso, saiu-me uma bem confortável "poltrona" para me repimpar, e que foi uma saca de batatas, ou arroz, e que de tantos saltos ter dado (a viatura é que dava....), me traumatizou, por mais de duas semanas, a zona periférica do Cóccix, bem dolorosa, principalmente nas minhas estadias na latrina.

Aqui é que quero relatar o "ataque" que fomos alvos e da minha pronta reacção que afugentou os atacantes. O

meu carro, um camião militar, talvez uma Berliet, numa zona bastante perigosa pelos frequentes ataques, creio chamarem-na de "Sete curvas", não longe do Balacende, todos os militares iam tensos e atentos a um possível ataque do inimigo.

Bala na câmara da G3, e na posição de segurança para evitar acidentes (que acontecia frequentemente por esquecimento ou nabice do militar). O certo é que o campim e vegetação era alta e muito próximo dos carros de tal maneira que podíamos ser molestados à bofetada (não sei se isso se concretizou alguma vez) e quando o camião numa pequena elevação do terrenos, cheio de lama, patinou, o cabo condutor meteu a tração, ou reforço, para a controlar no terreno e isto fez com que o carro desse um solavanco (como nos eléctricos ou comboios) fazendo quase que nos virássemos de pernas para o ar.

Nisto ouço nos meus ouvidos o estrondo dum tiro, a chama dos disparos mesmo defronte dos meus olhos, e pareceu-me o capim (erva alta) mexer possivelmente pelo passar das balas. Não pensei duas vezes e levanto-me de rompão e começo a metralhar tudo à minha frente enquanto gritava ordens para os homens se cobrirem atrás das sacas ou saltarem das viaturas para debaixo delas, nas rodas, localizarem os atacantes e fazerem fogo sobre eles. Despejei dois carregadores e estava na fase de fazer o mesmo ao terceiro até que, poucos minutos depois, uma grande gritaria de "parem, parem" e "organizem-se" (possivelmente foi daqui que nasceu a tal anedota)!

Andava o capitão da companhia mais um alferes com meia dúzia de condutores das viaturas a correr de carro em carro para por um ponto final à "guerra". Os homens foram agrupados (menos dois que se tinham, assustado, corrido pela mata fora pelo lado oposto onde se pensava estar o inimigo). Só mais tarde, talvez 15 minutos depois, é que regressaram, quando o fogo tinha cessado e tudo estava mais calmo. Foi feito um inquérito "in loco" pelo comandante da companhia e seus oficiais juntamente com os condutores e chegaram à conclusão que quem tinha originado aquela "guerra" foi a minha viatura e a minha pessoa o "herói" da fita. No entanto o soldado que estava sentado ao meu lado direito, confessou, ter sido ele o prevaricador pois tinha a arma sem a segurança regulamentada e que por ter-se desequilibrado, quando o carro descaiu e arrancou, inadvertidamente apertou o gatilho.

Agora sim, tinha a explicação para os tiros que tinha ouvido, e perto do meu rosto, as labaredas dos disparos e o capim que vi mexer a poucos metros de mim.

Com a descoberta dos autores da "guerra", fiquei logo "famoso" no burgo e arredores e, quando mais tarde apareci por Nambuanguongo, Muxuluando, Tari-Tari, e outras unidades espalhadas pela região dos Dembos, a malta proibia-me, de imediato, de não fazer ali mais "guerras" pois eles, as unidades operacionais, já tinham que sobrasse disso todas as semanas. É tudo por causa das invejinhas pois eu acabava com aquela luta duma vez para sempre...

Ainda hoje, já lá vão 50 anos, estou à espera da minha alta condecoração, a "Cruz de Guerra", que devia ser promulgada por tanto heroísmo em campanha, de minha parte, obviamente, pela minha conduta heroica, destreza, coragem e desprezo pela própria vida, debaixo de fogo do "inimigo".

Bolas. Quando é que recebo essa medalha? I can't wait!



# CARRO DE COMBATE M-47

Foram estes carros de combate, os M-47, que quase puseram um fim à Revolução de Abril, naquela alvorada que libertou Portugal da ditadura Salazarista/Marcelista. Para esmagar esta revolta o então Governo vigente enviou estes poderosos tanques para enfrentar as tropas no Terreiro do Paço, comandadas pelo saudoso capitão Salgueiro Maia.

O deflagrar da guerra civil, entre as diversas unidades das Forças Armadas foi evitado graças à sensatez do comandante destas forças leais ao governo da ditadura, o alferes miliciano Fernando Sottomayor, que desobedeceu às ordens do brigadeiro Junqueira dos Reis de abrir fogo sobre os revoltosos. Se aquele anónimo militar seguisse a voz de comando do oficial/general a história da Revolução dos Cravos seria muito diferente e de certeza absoluta da cor desses "cravos" ostentados pelos militares nos canos das suas armas, o vermelho, seria, de certeza, a mesma cor vermelha, mas não das flores, mas desta do sangue derramado por centenas, ou milhares até, de militares e civis, imolados numa estéril luta fratricida.

O nome daquele mencionado oficial miliciano subalterno irá enriquecer as páginas da nossa História contemporânea como exemplo da coragem (por não o fazer) e do altruísmo (ter pois evitado uma carnificina desnecessária de tantos portugueses - militares e civis).

Portugal foi o primeiro país europeu a receber os carros de combate M-47, que chegaram ao país em 1952, antes que países como a Alemanha ou a Itália os tivessem recebido. Eles continuaram ao serviço como os únicos veículos blindados pesados do exército



Carros de combate M-47 do Regimento de Cavalaria Nº 7 nas ruas de Lisboa em 25 de Abril de 1974



português até que começaram a ser retirados em 1978. Os últimos só foram retirados de serviço em meados dos anos 80.

Os carros de combate M-47 participaram na revolução de 25 de Abril de 1974 em Portugal, estavam sob as ordens do comandante do Regimento de Cavalaria 7 (unidades destacadas temporariamente que na realidade pertenciam ao RC-4).

Estes carros de combate estiveram distribuídos ao RC-4 e à Escola Prática de Cavalaria.

Ao contrário dos M-47 de outros países que duraram até aos anos 80, os M-47 portugueses nunca foram modernizados.

O carro de combate M-47 foi desenvolvido no início dos anos 50, a partir de um dos vários desenvolvimentos do tanque M-26, a que se juntou a torre do tanque T-42 que estava em desenvolvimento. O seu desenvolvimento apressado tinha como objectivo envia-lo para a guerra na Coreia, mas o veículo não chegou a entrar ao serviço naquele teatro de operações. Foram produzidos 8676 M-47 para os exércitos das forças aliadas.

Ele esteve pouco tempo ao serviço nos Estados Unidos, porque começou a ser substituído rapidamente pelo M-48. A maior parte dos M-47 foi assim imediatamente entregue a países aliados nos anos 50. vários países produziram modificações e adaptações com vista a permitir estender a vida útil destes carros de combate, mas na sua maioria os tanques que entraram ao serviço na Europa também foram rapidamente colocados fora de serviço, porque o M-47 era considerado inferior ao seu contemporâneo T-55 soviético.

Uma das críticas dirigidas a este veículo foi o seu complexo sistema de controlo de fogo, baseado num telémetro estereoscópico complicado de utilizar.

O casco e a torre do M-47 são moldados. O motorista senta-se à frente à esquerda com o motor e a transmissão na traseira.

## Informação genérica:

Quando terminou a II Guerra Mundial, o mais poderoso carro de combate norte-americano era o M26 «Pershing», cujo desenvolvimento tinha começado em 1942. No entanto as análises feitas pelos norte-americanos ainda antes do final da guerra levaram a concluir que o Pershing, cuja blindagem máxima atingia os 102mm não poderia garantir o absoluto domínio do campo de batalha. Os britânicos tinham já na altura em desenvolvimento, carros de combate como o Centurion, com uma blindagem superior que atingia em alguns pontos os 152mm. Mas os cortes nos investimentos de defesa que se seguiram ao fim da guerra limitaram o desenvolvimento, tendo-se optado por melhorar o tanque médio M26, que resultaria no modelo M46, um «Pershing» com um novo motor.

No entanto, embora sem grande prioridade, durante a segunda metade dos anos 50, prosseguiram os estudos para um novo tanque com dimensões ligeiramente maiores, embora baseado no M26. Esse projecto era conhecido como T42 e tinha uma blindagem máxima que atingia os 115mm. O desenvolvimento do T42 destinava-se a permitir às forças norte-americanas possuir um carro de combate que pudesse equivaler-se ou superar os seus congéneres soviéticos, possuindo uma torre com melhor perfil balístico.

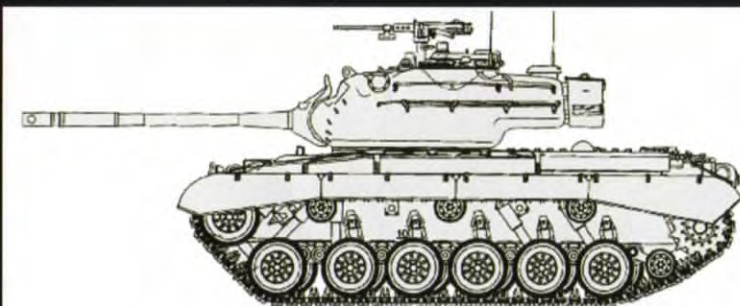
## M47 Patton

Quando em 1950 começou a guerra na Coreia, o carro de combate que deveria substituir o Pershing não estava pronto.

Por isso foi decidido iniciar um programa de emergência, que consistia em colocar a torre do M26 «Pershing» no novo veículo. A viatura foi rapidamente desenvolvida e viria a ser conhecida como M47 «Patton», em homenagem ao general de blindados Patton, que tinha morrido após o final da guerra.

O M47 no entanto, não ficou pronto a tempo de entrar em acção na guerra da Coreia. Quando começou a ser entregue, ele era evidentemente inferior ao projecto T42, do qual era afinal um derivado de emergência.

Por esta razão, o M47 foi rapidamente cedido a países aliados logo que o verdadeiro tanque do projecto T42 começasse a ser entregue.



Fabricante: Detroit Tank Factory - Estados Unidos da América • Tripulação: 5  
Comprimento: 6.307 - Incluindo canhão: 8.508M - Largura: 3.016M - Altura: 3.352M  
Peso vazio: 42130Kg. - Peso preparado para combate: 46170Kg.  
Motor/potência/capacidades • Sistema de tracção: Lagartas  
Motor: Continental AV1790-5B V-12 Potência: 810 cv  
Velocidade máxima: 48 Km/h - Velocidade em terreno irregular: 30 Km/h  
Tanque de combustível: 875 Litros Autonomia máxima: 130Km



Alferes Miliciano  
Fernando Sottomayor

<http://www.areamilitar.net/DIRECTORIO/TER.aspx?nn=86&p=77>







## In Flanders Fields

In Flanders fields the poppies blow  
Between the crosses, row on row,  
That mark our place; and in the sky  
The larks, still bravely singing, fly  
Scarce heard amid the guns below.

We are the Dead. Short days ago  
We lived, felt dawn, saw sunset glow,  
Loved and were loved, and now we lie  
In Flanders fields.

Take up our quarrel with the foe:  
To you from failing hands we throw  
The torch; be yours to hold it high.  
If ye break faith with us who die  
We shall not sleep, though poppies grow  
In Flanders fields.

by John McCrae, May 1915

## Não nos podemos esquecer

Cerca de 15000, combatentes Portugueses jazem nos campos de Flandres. Foi na batalha de La Lys, praticamente no fim da guerra, em 1918, que o Corpo Expedicionário Português, sofreu uma terrível derrota, a maior catástrofe militar Portuguesa depois de Alcácer Quibir em 1578. Por curiosidade foi nesta batalha que se evidenciou o celebre soldado milhões de nome Anibal Milhais, natural de Valongo, em Murça, e sobreviveu, tendo sido o único soldado raso, português, a ser condecorado com o Colar da Torre e Espada.

Em - Flandres - existem vários cemitérios de militares Portugueses, Ypres, Richebourg e Nueve Chapelle, com 1800 campas, são certamente os mais conhecidos.

## Nos campos de Flandres

Nos campos de Flandres as papoilas agitam-se  
Entre as cruces, fileira em fileira  
Marcando o nosso lugar, e lá no céu  
As cotovias, corajosamente continuam a cantar, voam  
Mal se ouvem por entre metralha ca em baixo

Somos os mortos, há poucos dias  
Vivíamos, sentíamos a aurora, víamos o pôr do sol  
Amávamos e éramos amados, e agora jazemos  
Nos campos de flandres

Continua a nossa luta contra o inimigo  
Para vós, das nossas moribundas mãos, passamos  
A chama; para seja vossa e a ergam bem alta  
Se te deixares subjugar, nós os que perecemos  
Não descansaremos, mesmo que as papoilas se agitem  
Nos campos de Flandres.

Poema escrito em 1915, p elo tenente -coronel John McCrae  
(natural de Guelph, Ontario)

"...Os Homens só morrem quando a Pátria se esquece deles.."

## ENFERMEIRAS PÁRA-QUEDISTAS

J. Villalobos Filipe  
Cor. Pil. Av. (Ref.)



Procurando responder à solicitação do amigo Carlos Morgadinho aproveito o ensejo para prestar homenagem a todas as Enfermeiras Pára-quedistas, praticamente esquecidas após o 25 de Abril, sendo de toda a justiça realçar o importante papel que desempenharam na Guerra Colonial. Assim, este pequeno texto pretende ser uma singela homenagem àquelas corajosas mulheres e permite-me retirar do baú das minhas memórias algumas recordações da minha vivência, enquanto militar, com as enfermeiras pára-quedistas com quem efectuei como piloto de helicópteros algumas evacuações na minha Comissão na Guiné, entre 1963/64.

Intervieram no âmbito das suas qualificações profissionais prestando assistência aos feridos, frequentemente nos locais onde as acções de guerra ocorriam, acompanhando-os nas evacuações para os hospitais militares da retaguarda. Para além da sua competência técnica, a sua presença feminina constituía um lenitivo para os feridos, suavizando o sofrimento de quem tinha sido atingido durante as operações de combate. Que o diga quem alguma vez se encontrou nesta situação.

Sempre admirei as enfermeiras pára-quedistas como símbolo de coragem. Numa época em que as raparigas eram condicionadas pela ideologia moralista do Estado Novo, elas tiveram a coragem de se alistar nas tropas pára-quedistas compostas até aí exclusivamente por indivíduos do sexo masculino, cumprindo todas as exigências que o curso de pára-quedismo impunha. Essa mesma coragem e dedicação veio a revelar-se ao longo de todo o tempo que durou a guerra quando chamadas a participar nas evacuações efectuadas a partir dos locais dos combates, o que acentuou a minha admiração e estima. A outra componente que gostava de realçar era a sua camaradagem que se estabelecia e que era de tão grande importância nas duras condições em que vivíamos, sobretudo na Guiné, em que uma presença feminina ajudava a suavizar e a suportar aquele verdadeiro inferno.



Alferes Maria Zulmira

Mas não queria entrar nos lugares comuns em que muitas vezes se cai quando se pretende caracterizar alguém ou uma relação. Prefiro referir dois episódios que caracterizam bem o que atrás referi.

O primeiro episódio ocorreu na Esquadra de voo, em 23 de Outubro de 1963. Eu, jovem Alferes, fazia anos nesse dia e no final do dia os camaradas pilotos decidiram comemorar o meu aniversário bebendo umas

mesa de ping-pong, sem rede, sem bolas e, se calhar, sem raquetes. A dada altura a Zulmira ausentou-se e quando regressou trazia na mão uma garrafa de cerveja vazia na qual enfiara um punhado de capim que colocou no meio da mesa. Era a decoração que faltava...! Aqui está o toque feminino com os materiais possíveis que



Alferes Maria Arminda

transformou totalmente o convívio que fazíamos e que eu nunca mais esqueci ao longo da minha vida.

O segundo episódio também na Guiné a 04 de Fevereiro de 1964, em que interviei a Alferes Maria Arminda. Foi durante uma evacuação em Al.II, na zona do Morés onde a nossa tropa fora emboscada e estava debaixo de fogo tendo tido dois mortos e um ferido. Aí fui também ferido num braço

juntamente com o meu mecânico, este atingido por um tiro que o perfurou de um lado ao outro com forte hemorragia, não morrendo por muita sorte. Ficámos no local em que

fomos atingidos, sob fogo cruzado das NT (nossas tropas) e dos elementos do PAIGC, uma vez que durante a descolagem a única saída possível era em direcção à mata de onde partira a emboscada. Só após a intervenção dos aviões F-86 o fogo terminou.

Posteriormente fomos evacuados e cheguei ao hospital acompanhado pela enfermeira Maria Arminda.

Naquela altura o Hospital Militar em Bissau tinha poucas condições e quando cheguei ao bloco operatório o mecânico que tinha sido gravemente ferido estava já a ser operado pelo cirurgião ajudado por um único médico, tendo a enfermeira que me acompanhava ficado a ajudar na operação. Pude sentir ao vivo, nesta situação marcante, o conforto da companhia amiga e competente de uma enfermeira pára-quedista.


Creio que estes dois episódios de cariz tão diferente, caracterizam bem a camaradagem e o desempenho das enfermeiras pára-quedistas que conheci e pelas quais desenvolvi uma particular admiração também extensiva às restantes, pois aliavam à sua condição feminina a coragem de combatentes, admiração que era acompanhada pela satisfação que sentia por elas usarem o mesmo uniforme azul que também era o meu. Por isso termino parafraseando o poeta, "Ditosa Pátria que tais filhas teve"!





# Local 793

is proud to support the  
**Ontario Association of Portuguese Veterans**



**BUSINESS MANAGER**  
Mike Gallagher

**PRESIDENT**  
Joe Redshaw

**IUOE LOCAL 793**  
2245 SPEERS ROAD  
OAKVILLE, ONT.  
L6L 6X8

WWW.IUOELocal793.ORG

905-469-9299  
1-877-793-4863



## Europa Heating & Air Conditioning

Ductless Air Conditioning • Custom Sheet Metal  
Gas Lines • Humidifiers • Air Purifiers

RESIDENTIAL

COMMERCIAL

INDUSTRIAL

Free Estimates

1038 Dovercourt Road  
Toronto, ON M6H 2X8  
www.europaair.net

Michael Barreto  
T: 416 537-4296  
info@europaair.net



## Europa Duct Cleaning

Commercial & Residential

Furnaces •  
Air Ducts •  
Air Conditioning •  
Coils •  
Dryer Vents •  
Boilers •  
Computer Rooms •

For a Free Estimate  
Call Manuel or Mike  
info@europaair.net

416 536-DUCT (3828)

www.europaair.net



## Alfa TRAVEL

Viagens para todas as partes do mundo

Comanda: Tibério Branco

• Excursões • Charters • Income Tax  
• Serviço consular • Traduções  
• Aluguer de carros (Açores, Madeira e Continente)  
• Tratamos de cargas Aéreas e Marítimas


Tel.: (416) 534-7515  
Fax: (416) 534-3171  
Toll Free: 1-877-829-5151  
e-mail: alfamar@bellnet.ca  
1171 Dundas St. West  
Toronto, Ontario M6J 1X3



## COURNSEN BAKERY & PASTRY

Tudo fresco & Delicioso!  
Aberto 7 dias por semana - Internet grátis  
Grande variedade de pão - Bolos de casamento

tel: 416.536.1522  
1014 Bloor St. W. Toronto, ON M6H 1M2  
www.cournsenbakery.com



## Martins Churrasqueira & Grill House

Procura uma refeição diferente?  
Quer saborear a nossa gastronomia?  
Gosta de comer e de beber bem?

Encontra os melhores vinhos e a melhor cozinha Portuguesa!

605 ROGERS RD. UNIT # 1 TORONTO ON M6M 1B9  
TEL.: 416-657-4343

# Índia: Em memória dos camaradas perdidos

Das cerimónias levadas a efeito no Forte do Bom Sucesso, em Lisboa, relativas ao 48º Aniversário da invasão de Goa, Damão e Diu, por tropas da União Indiana, realçamos, dos discursos proferidos nesse dia os seguintes pontos:  
Do Presidente da ANPG, Montez Coelho:

"Amigos, 48 anos nos separam dos acontecimentos, que nos trazem aqui. Depois de bombardeados pela Aviação e pela Marinha e metralhados pelas forças terrestres, foi a marcha humilhante, a caminho dos campos de concentração foi o dia da contagem dos mortos.

Foram 25 mais aqueles da Polícia, que não foi possível contabilizar, nós somos os sobreviventes. Sobreviventes da cabeça levantada, mas esta situação não foi fácil. Se antes do 25 de Abril fomos ofendidos, maltratados, alguns até com carreiras destruídas, depois, não foi mais fácil chegando ao cúmulo de sermos ofendidos publicamente pelo Senhor Ministro Castro Caldas. Até que chegamos ao dia 10 de Maio de 2003.

O Governo, representado pelo Ministro Paulo Portas e pelo Secretário de Estado Henrique de Freitas, veio-nos retirar opróbrio de cobardes que pesava sobre nós. Foi a cerimónia do reconhecimento do Tenente Miliciano João Aranha, Comandante de uma Divisão da Polícia do Estado Português da Índia: "Caros Companheiros:

Todos os que estivemos no então Estado da Índia no cumprimento de um dever que já era posto em causa à luz de um tempo, de uma visão política e de um ideário de valores bem diferenciados dos que nessa hora por aqui circulavam, dificilmente poderemos esquecer essa realidade, a sua causa e os seus efeitos. Não era nossa função discuti-lo mas servir. E por isso mesmo enquanto servimos em expedição, naquela bela terra do Oriente, perdemos companheiros e vertemos algumas lágrimas.

Num livro que publiquei, no final do ano passado, sobre esta matéria, para além de recordar o que foram os nossos últimos tempos na Índia a nossa derrota militar, e o nosso triste passadio enquanto "prisioneiros de guerra" dediquei um capítulo à reacção do povo de Goa, (com o qual convivi mais de cinco anos), perante a Invasão Indiana. Através desse capítulo procurei lembrar o porquê de me terem falhado alguns graduados baseando esse texto na minha experiência pessoal, no facto de ter comandado uma Divisão da Polícia com 75% de naturais de Goa, e sobretudo na leitura de um livro do escritor Goês Carmo De Sousa que fala da "identidade goesa" que existe de facto, e pode explicar muita coisa até hoje não revelada.

Como convidado, falou em seguida o Presidente da Liga dos Combatentes, Senhor Ten. General Chito Rodrigues: Como Presidente da Liga dos Combatentes



junto-me mais uma vez a todos vós para evocarmos momentos difíceis das vossas vidas, nos curvamos perante os que caíram e reprovamos as atitudes políticas que envolveram os acontecimentos da Índia e o vosso regresso.

Tendes no coração dos Combatentes e da Liga dos Combatentes, um lugar especial. Talvez por isso a Liga acolhe a vossa Associação em espaço da nossa Sede; Inscrevemos os nomes dos militares caídos na Índia a partir de 1954 envolvendo o Monumento aos

Combatentes; Temos a Revista Combatente aberta à ANPG, enfim temos relações óptimas e um protocolo muito especial.

Por isso, aqui estamos mais uma vez não celebrando, mas sublinhando a camaradagem, o sacrifício e o esforço a que, há 49 anos, um punhado de militares portugueses foi sujeito, ansiando então lhes haviam sido dados os meios. Em seguida foi lido pelo Vogal da Direcção, José Maneiras, um texto bíblico alusivo ao acto e, no final da leitura, foram evocados os 25 nomes abaixo indicados:

## Goa

Alferes Milº. Engº. António Lopes Gonçalves Pereira; Alferes Milº. Infa. António José Abreu Abrantes; Alferes Milº. Infa. Abel dos Santos Rito Ribeiro; 1º Sargento da Armada António Duarte Santa Rita; Furriel Milº. José A. Ramiro da Fonseca; 1º Cabo 224 António Crispim de Oliveira Godinho; 1º Cabo 154/60 António Fernando Ferreira da Silva; 1º Cabo 251/59 Lino Gonçalves Fernandes; 1º Cabo 40/61 António Baptista Xavier; 1º Grumete 12970 José Manuel Rosário da Piedade; Soldado 724/60 Manuel Sardinha Mexia; Soldado 109/60 Mário Bernardino dos Santos; Soldado 126/60 Fernando José das Neves Moura Costa; Soldado 204 Damuno Vassu Canencar.

## Damão

Tenente Infa. Alberto Santiago de Carvalho; Soldado 543/60 Jacinto João Guerreiro; soldado 1022 Abel Araújo Bastos; Guarda 2a. Classe da Polícia João Paulo de Noronha; Guarda Auxiliar Joviano Fonseca; Guarda Rural Tibúrcio Machado; Guarda Rural Paulo Pedro do Rosário.

## Diu

2º Tenente Jorge Manuel Catalão de Oliveira e Carmo; Marinheiro 10030 António Ferreira; Marinheiro 10519 Aníbal dos Santos Fernandes Jardim.





**Jack's**  
BAKERY & PASTRY

*A sophisticated approach  
to the art of bread  
and pastry making*

352 Oakwood Ave,  
Toronto

OPEN  
24  
HOURS

416.654.1780

www.jacksbakery.ca info@jacksbakery.ca



**SWISS CHALET**  
ROTISSERIE & GRILL

**HARVEY'S**  
It's a beautiful thing.

**TORONTO**  
2201 Finch Ave West Unit 20  
(Finch & Arrow Road)  
Tel: 416.741.3663

**TORONTO**  
590 Keele St  
(Keele/St. Clair)  
Tel: 416.760.7893

**VAUGHAN**  
3737 Rutherford Rd  
(Rutherford Rd & Weston)  
Tel: 905.264.4017

Joe & Andrew Amorim



## Poema

Artur de Jesus



Ex-combatentes do Ultramar  
Cumpriram o seu dever, ao qual  
Nenhum português podia faltar  
Tristes pela ausência das famílias  
Mas alegres como bons portugueses

O heroísmo do soldado português  
Que enfrentou as guerras passadas  
De grande sacrifício e dor  
Ao serviço da Pátria bem-amada  
Nas colónias portuguesas  
De Angola, Moçambique e Guiné

Foram treze anos de guerra,  
Mais de onze mil jovens, perderam a vida  
E milhares de dezenas de feridos  
Numa luta estéril, injusta e sem fim

Três anos roubados à nossa juventude  
Hoje é-lhes mostrado o desprezo  
Não pelo seu Heroico Povo, mas sim dos governos  
Que somos esquecidos e abandonados, é verdade  
Como se leprosos ou indigente  
Rotulados nos Ministérios

Só nos resta a honra imaculada  
O orgulho do dever cumprido  
Da bravura e dos gemidos dos que tombaram  
E dos que sobreviveram  
Cujas memórias hoje é manchada  
Pelos que há muito mandam  
Que, cinicamente, lhes negam o pão  
O pão que se bateram, quando jovens,  
Agora velhos, esse pão lhes é cerceado  
Tirado das bocas a ferro  
Só porque não descontou nas jornadas  
Mas que pesou e contou para combater

Portugal porque não nos amas?  
Portugal porque nos esqueces?  
Portugal olha para o teu filho e irmão  
O teu cidadão que foi soldado  
Que lutou, gemeu, chorou e derramou  
Lágrimas de sangue nas picadas, e no capim  
Portugal porque não nos trata irmãmente?  
Portugal nós, os COMBATENTES, muito te amam  
Tanto que te perdoamos as discriminações  
E o pontapear do teu desdém e da ingratidão  
Não faças a separação entre filho e bastardo  
Somos teus filhos, somos todos iguais, somos todos legítimos  
Não há morgados e plebeus nesta nova Constituição  
Sejamos nativos do Continente, Ilhas ou da Diáspora  
Portugal Deus te abençoe eternamente.





## Ficha Técnica

**Editor**  
Luis Vieira

**Diretor**  
Luis Vieira

**Publicidade**  
Carlos Morgadinho  
Luis Vieira  
Manuel Barreto

**Revisão de Texto**  
Carlos Morgadinho  
Manuel Barreto

**Colaboradores**  
José Mário Coelho  
General Joaquim Chito Rodrigues  
António Barreto  
Alfredo Cruz Santos  
Tibério Branco  
Manuel Barreto  
Carlos Morgadinho  
J. Villalobos Filipe  
Artur de Jesus  
Abel Nunes

**Paginação/Impressão**  
Toledo Printing + Design  
1867 Davenport Road  
Toronto, ON M6H 1B9  
Tel. (416)588-1647  
Fax (416)588-8757  
e-mail: toledographics@rogers.com



**Combatente**  
Ontario

2000 Dundas St. W.  
Toronto, ON M6R 1W6  
T: 416.533.2500  
Barreto Cell: 647.292.3828  
Luis Cell: 647.221.7034  
E-mail: combatentes.toronto@gmail.com

**Nota da Redação:**  
Alguns artigos estão escritos em norma com o "novo acordo ortográfico da língua portuguesa". Outros, foram redigidos de concordância com as regras ortográficas anteriormente usadas. Deixamos tal detalhe à disposição de cada um dos nossos estimados colaboradores. Todos os artigos publicados são da responsabilidade dos seus autores.

continuação da página 9

Em cada momento, em cada conflito, houve quem tivesse ideias diferentes e se opusesse à intervenção militar. Uns, mesmo nessas condições, cumpriram as ordens oficiais, outros recusaram-se. Por oportunidade, por convicção política, por uma interpretação diferente do interesse nacional, houve refracção e objecção. Em certos casos, pensava-se que as operações militares não tinham sido referendadas pelo povo soberano ou eram contrárias à ética e ao interesse nacional. Noutros casos, faltava o assentimento parlamentar. Aliás, o acompanhamento parlamentar do envolvimento militar é deficiente, apesar de estatuído pela Constituição.

Houve soldados que combateram sob um regime autoritário, outros em regime democrático. Houve soldados que combateram integrados em forças nacionais, outros em forças aliadas ou internacionais. Como houve soldados que, de outras origens étnicas então e tendo hoje nacionalidade diferente, serviram nas Forças Armadas portuguesas.

Em 1974, jovens militares decidiram derrubar o regime autoritário e dar uma oportunidade à democracia. Outros tentaram estabelecer um novo regime político que eventualmente limitaria as liberdades. Outros ainda ficaram independentes e equidistantes. Enquanto outros, finalmente, teriam preferido continuar sob o regime anterior. Prefiro os primeiros, os que ajudaram a fundar o Estado democrático. Mas, pelo sacrifício das suas vidas e pelo cumprimento dos seus deveres, respeito-os todos.

Qualquer guerra ou envolvimento militar é controverso e suscita opiniões diversas e contraditórias. É assim no Afeganistão ou no Iraque. Foi assim no Ultramar. Como também na Flandres, nas Linhas de Torres ou em Aljubarrota. Essas divergências podem ser legítimas e compreensíveis. Traduzem ideias, interesses, convicções e doutrinas diferentes. Assim como versões diversas do interesse nacional. Mas isso não justifica a ausência de respeito

por aqueles que combateram, que correram riscos, que ficaram feridos ou deram a sua vida.

As diferenças de opinião e de crença não devem impedir de respeitar todos os que fizeram a guerra, com convicção ou por obediência ao poder político, desde que, evidentemente, o tenham feito sem abuso. Merecem as pensões que lhes são devidas. Merecem atenção e cuidado. Merecem um Dia do Combatente oficialmente estabelecido. Merecem que as suas associações sejam consideradas de utilidade pública. Merecem estar presentes nas cerimónias públicas e oficiais. Mas sobretudo merecem respeito.

Os Portugueses são parcos em respeito pelos seus mortos e até o Estado não é muito explícito no cumprimento desse dever. Pois bem: está chegada a altura de eliminar as diferenças entre bons e maus soldados, entre Veteranos de nome e Veteranos anónimos, entre recordados e esquecidos. Pela Pátria ou pelo seu País, pelo Estado ou pela sua profissão, foi pela sua comunidade nacional que todos eles combateram e se sacrificaram.

É possível que o comportamento do Estado, a atitude de políticos e os sentimentos de cidadãos para com os militares sejam determinados, em parte, pela avaliação que se faz do modo como deram ou retiraram apoio a certos dirigentes e a certas formas de regime. Não se nega o facto. Mas, perante o antigo combatente, recusa-se o juízo de valor.

Aos Veteranos e antigos Combatentes que hoje estiveram connosco pela primeira vez, nada se lhes pede. Nada devem aos seus contemporâneos. Nós é que estamos em dívida para com eles. São o Estado e a sociedade que lhes devem algo. O que lhes pedimos hoje foi muito simples: aceitem a homenagem que o Estado e os Portugueses vos prestaram! Não estamos aqui a festejar a guerra, mas sim os soldados! E não há melhor dia, do que o Dia de Portugal, para o fazer.

# RENOS for HEROES®



Renos for Heroes (RFH) is a non-profit foundation which provides building services to improve lives of injured Canadian military and their families. Whether a soldier's injuries are physical or a result of Post Traumatic Stress Disorder (PTSD), RFH is committed to making changes to their homes, minimizing the expense and reducing the stress



*This walk is very important to me because I am trying to help and assist our injured soldiers and their families for the dedication and freedom they provided us as Canadians in general.*

*Durval Terceira,  
Carpenters' Union*

**Help me raise money for the individuals who need it.**

October 16, 2013 to October 21, 2013

120 kilometers

Oshawa to the Canadian Forces Base in Trenton, ON

for more information or for donations please contact:

Durval Terceira

dterceira@thecarpentersunion.ca

416-844-7355 or go online to: [renosforheroes.org](http://renosforheroes.org)

**Obrigado**  
COMUNICAÇÃO  
SOCIAL

ABC  
PORTUGUESE CANADIAN NEWSPAPER

Adiaspora.com

Aguarela Portuguesa

ASAS do ATLÂNTICO

1540 - 100.7  
CHIN  
INTERNATIONAL RADIO - TV

CIRV  
RADIO fm 88.9  
INTERNATIONAL TORONTO

CORREIO da Manhã  
CANADA

etc & tal  
MAGAZINE

EXPRESSO CANADA

FACES  
PHOTONEWS  
MAGAZINE

FP  
TV

FAMÍLIA  
PORTUGUESA

Gente  
da nossa  
TV

MILÉNIO

OMNI  
TELEVISION

RTA  
PORTUGALÍSSIMO  
RADIO TERRA NOVA

SOL  
Português  
Portuguese Sun

SENSO  
MAGAZINE

VENUS CREATIONS

VOICE  
LUSO-CANADIAN NEWSPAPER LTD.





*O nosso louvor a quem contribuiu para a construção do monumento.*

**ACADEMIA DO BACALHAU  
ALBERTINO DOMINGUES  
ALFAMAR**

**ASSOCIAÇÃO DOS VETERANOS DE WINNIPEG  
AUGUSTO PIRES  
BENTO SÃO JOSÉ**

ÁLVARO SANTOS  
ÁLVARO VIEIRA  
AMÂNDIO CARNEIRO  
ANABELA OLIVEIRA  
ANTÓNIO MARQUES  
VENTURA  
ARMÉNIO COSTA  
ARTUR DE JESUS  
ARTUR SOUSA  
DANIEL VIEIRA  
EUROPA DUCT CLEANING

FERNANDO MAIA  
FLORIVAL SILVA  
FRANCISCO OLIVEIRA  
JOÃO MATEUS  
JOÃO SANTOS  
JORGE FREITAS  
JOSÉ BRITO  
JOSÉ CATALARRANA  
JOSÉ FERREIRA  
JOSÉ MARCAL  
JÚLIO AZEVEDO

**CONSULADO PORTUGUÊS  
FERMA / UNIBEL  
HORÁCIO DOMINGOS  
MANUEL DE PAULOS  
ROGÉRIO SILVA HENRIQUE  
TIBÉRIO BRANCO**

LOCAL 183  
MANUEL BARRETO  
MANUEL CUNHA  
MANUEL SÁ  
MANUEL TOMAS  
MARCO BRANCO  
MÁRIO BRANCO  
MÁRIO GOMES  
NICKS CAR STAR  
SÉRGIO AZEVEDO  
VICTOR GALRÃO